

II HISTORIAS DE SABEDORIA



MARCELO CRIVELLA

PREFACIO

Mais uma vez o bispo Marcelo Crivella brinda os leitores com suas singelas narrativas, algumas de sua própria autoria, outras adaptadas de contos ouvidos na infância, outras fábulas antigas e ainda histórias reais.

À semelhança do seu livro anterior, apesar de a maioria dos textos serem divertidos, todos têm um objetivo: mostrar o quanto é ridículo o orgulho e exaltar a humildade.

O orgulho, segundo o autor, tem sido a pior doença conhecida pela humanidade, desde os primeiros dias da Criação, tendo começado no coração de Lúcifer, quando achou que poderia ser maior que Deus e escolheu lutar contra Ele.

A humildade, por sua vez, encontra seu maior exemplo no próprio Senhor Jesus, que "...subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana a si mesmo se humilhou tornando-se obediente até à morte e morte de cruz." (Filipenses 2.6-8).

Pagando o preço pelos pecados de toda a humanidade, abandonado por todos na cruz, antes de deixar Seu ministério terreno Ele ainda salvou Sua última ovelha: o ladrão crucificado ao Seu lado, que se arrependeu e O aceitou em seu coração.

Mônica Luz

O ROUBO DO LEITÃO

Esta história aconteceu na roça.

Alfredo criava porcos e tinha um trato com os habitantes da pequena cidade em que vivia: os moradores o ajudavam na alimentação dos animais e, no momento do abate, os porcos eram divididos – metade ficava com ele e a outra era repartida entre a comunidade.

Um dia, porém, achando que não estava lucrando com aquele acordo, Alfredo ficou pensando em uma forma de não dividir um enorme leitão, do qual tratara com todo cuidado e que já estava para ser abatido. Diante desse dilema, resolveu desabafar com o seu compadre:

– O povo trouxe a lavagem para dar ao porco, ele engordou e eu prometi que repartiria o bicho, mas não estou querendo dividir essa belezura de leitão – revelou o criador, apontando para um gordo suíno.

– Faz o seguinte: Mata o porco, pega a sua parte e coloca a outra pendurada no açougue. A noite, quando não tiver mais ninguém na rua, você vai lá e rouba. No dia seguinte, quando perguntarem, mostre-se surpreso e compadecido com o povo, que, infelizmente, perdeu a sua parte do porco –aconselhou o compadre.

– Boa idéia! – comemorou o criador.

E assim fez. Abateu o leitão e dividiu em duas partes. A sua metade sapecou com bastante miúdo e lingüiça, e a metade dos moradores pôs pendurada no açougue, tal como

havia combinado.

Só que, tarde da noite, quem apareceu para roubar o leitão foi o tal compadre. Quando o criador chegou, a surpresa: o porco havia sumido. No dia seguinte, ele estava realmente tão surpreso com o sumiço do animal quanto toda a cidade. Inconformado com o fato, e sem poder falar com ninguém, foi procurar o compadre, para se lamentar.

– Compadre, sabe que eu pendurei a banda do porco no açougue, conforme o senhor me aconselhou, e não é que roubaram o bicho antes de mim? Ontem, quando vim roubar, já não tinha leitão nenhum! – desabafou ele.

– É isso mesmo, compadre. Para todo mundo você diga a mesma coisa - disse o homem.

– Mas o senhor não está entendendo! O porco foi roubado mesmo! – emendou ele, desesperado.

– Eu sei que roubaram, compadre. E como sei! – retrucou, sorrindo.

E assim ficou a história. O criador de porcos acabou sendo pego pela própria mentira e saindo no prejuízo, já que a cidade se juntou e exigiu que ele desse a sua parte do leitão, pois o culpavam pelo sumiço da outra metade. Ele pretendia agir de má-fé, para se dar bem, e no final das contas ficou sem nada.

A Bíblia ensina que o diabo é o pai da mentira, e quem prefere viver segundo a sua cartilha sempre se dá mal.

O DIAMANTE NO PUNHADO DE ARROZ

Um príncipe, de um reino distante, estando na época de se casar, resolveu fazer uma seleção entre as moças mais belas do reino. Três passaram pelo seu crivo: todas lindas, prendadas e preparadas desde a infância para, um dia, serem as possíveis princesas da Corte. Mas apenas uma poderia ocupar o lugar. A dificuldade para escolher aquela que o acompanharia pelo resto da vida era tanta, que o príncipe decidiu se aconselhar com um sábio pastor.

- Como vou saber qual delas devo escolher para ser minha esposa e rainha desta Corte? -perguntou o príncipe.

- Faça o seguinte: Dê um punhado de arroz para cada uma delas, com um diamante escondido entre os grãos. Depois me diga qual foi a reação das moças - orientou o pastor, dando três punhados de arroz para o rapaz distribuir entre as suas pretendentes.

E assim fez o príncipe. A cada uma deu os grãos com os diamantes e pediu que lhe preparassem uma refeição.

A primeira preparou uma gostosa comida para o príncipe, mas guardou a jóia para si mesma, sem nada comentar. Depois de almoçar com a moça e observar que ela nada havia falado a respeito do diamante, foi direto passar as informações ao pastor, que deu o seu parecer:

- Apesar de prendada, a moça mostrou ser muito egoísta, pois guardou a jóia só para si, sem compartilhar o achado com Vossa Majestade. Ela agiu de forma semelhante àquela ave descrita na Bíblia, que come a semente lançada na beira do caminho, sem ao menos esperar que dê frutos. Certamente esta não serve para ser sua esposa.

Acatando o conselho do pastor, o príncipe partiu para a casa da segunda escolhida. Chegando lá, deparou-se com um belo prato de arroz e com a notícia de que a jovem havia encontrado um diamante entre os grãos, tendo mandado fazer um lindo anel com o achado. Após cear com a moça, mais uma vez procurou o pastor para contar os fatos.

Diante do relato do rapaz, ele fez o seguinte comentário:

- Esta, apesar de prendada e honesta, é uma pessoa muito vaidosa, e só pensa nela mesma. Não daria uma boa esposa.

Desiludido, o príncipe rumou para a casa daquela que seria a sua última alternativa. Qual não foi a sua surpresa, ao entrar na residência da moça e se deparar com um magnífico banquete? Havia de tudo. Além do arroz, pratos maravilhosos, feitos com especiarias importadas do Oriente, enfeitavam a enorme mesa.

- Como você conseguiu, apenas com aquele punhado de arroz que lhe dei, fazer tudo isto? -indagou o príncipe, como se não soubesse do diamante.

- Ora, achei que o diamante que veio junto com o punhado de arroz fosse para eu fazer um prato mais especial. Então, penhorei a jóia e, com o dinheiro, comprei temperos finíssimos e tudo quanto precisava para lhe oferecer este banquete. Com as receitas que conheço, chamei muitas mulheres do reino para ensiná-las, cobrando uma moeda de ouro de cada uma. Assim, obtive de volta o valor do diamante e o recuperei, para devolvê-lo ao senhor -explicou a moça.

Feliz e já imaginando qual seria a conclusão do pastor a respeito da atitude da terceira escolhida, o príncipe foi correndo contar o acontecido. Depois de narrar toda a história, ouviu enfim o que esperava:

- Além de dedicada, prendada e honesta, ela é inteligente. Esta se encaixa perfeitamente no perfil da mulher descrita na Palavra de Deus:

"Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor muito excede o de finas jóias. O coração do seu marido confia nela, e não haverá falta de ganho. Ela lhe faz bem e não mas todos os dias da sua vida. Busca lã e linho e de bom grado trabalha com as mãos. É como o navio mercante: de longe traz o seu pão."(Provérbios 31.10-14)

A ESPERTEZA DA MULHER

Bíblia está cheia de momentos dramáticos envolvendo a sagacidade das mulheres e a capacidade que elas têm de amar os homens. É o caso de Eva, de Dalila e da rainha de Sabá, dentre outras.

Em Provérbios, por exemplo, o rei Salomão, que teve uma a experiência com o sexo feminino, deixou o seguinte alerta: *“porque os lábios da mulher adúltera destilam favos de mel e as suas mas são mais suaves do que o azeite; mas o fim dela é amargoso como o absinto, agudo, como a espada de dois gumes.”* (Provérbios, 5.3,4)

A própria história da humanidade está recheada de citações quais mulheres teriam sido pivôs de determinados episódios. Grandes reis, presidentes, militares, políticos e autoridades geral caíram por terem se deixado envolver por elas.

Não é à toa que russos e alemães muito se utilizaram do feminino no trabalho de espionagem. Nem mesmo alguns governantes brasileiros - não convém citar nomes – escaparam delas e acabaram sendo depostos.

Existe uma história que retrata bem este lado astuto e sagaz das mulheres. Um homem e uma mulher se envolveram em um acidente de carro. Apesar de os veículos terem sido destruídos, eles não sofreram nenhum ferimento grave. Saíram ilesos.

Vendo que o motorista do outro veículo era do sexo oposto, a mulher disse:

- Veja só, você é homem e eu mulher. Saímos ilesos deste terrível acidente. Isto só pode ser um sinal de Deus para ficarmos juntos por toda a vida.

Perplexo diante de tal declaração e da beleza escultural da jovem, o rapaz imediatamente respondeu:

- Concordo. Isto só pode ser um sinal divino.

- Veja outro milagre: O carro foi destruído, mas aquela garrafa de champanhe ficou intacta. Deve ser outro sinal. Vamos beber para comemorar este momento - disse ela, apontando para o seu automóvel.

O rapaz abriu a garrafa e deu um gole no gargalo. Ao oferecer para a mulher, ela o incentivou:

- Beba mais. Vá bebendo.

E assim o rapaz fez. Quando devolvia a garrafa, ela insistia:

- Continue bebendo. Percebi que você gosta de champanhe. Beba mais.

Depois de ter bebido metade da garrafa, o rapaz, já meio zozinho, devolveu-a para a mulher. Esta, por sua vez, tampou a garrafa e a guardou. Estranhando a sua atitude, ele perguntou:

- Você não vai beber?

- Não. Vou esperar a polícia chegar com o bafômetro!

Ora, tenho visto pastores fracassarem no ministério porque casaram mal. Na realidade, consideraram como um sinal divino verdadeiros acidentes, tragédias do destino, que nada tinham de Deus, e acabaram como o rapaz da história, vítima de uma mulher esperta, que se valeu da situação para tirar proveito próprio.

O casamento do cristão é muito importante. Tenha muito cuidado na hora da escolha, porque senão, como na história, você vai acabar levando a culpa.

OS TRES TRABALHADORES

Conta-se que há muitos e muitos anos, na costa do Mar Mediterrâneo, havia um reino feliz e muito bem governado por um nobre rei, cuja sabedoria e bondade excediam os mais eloqüentes elogios.

"Sua Majestade" era também um homem muito temente a Deus, e foi por isto que decidiu envidar todos os esforços para construir uma grande catedral, na parte mais nobre da capital do seu reino. Não sendo aquele um país rico, o rei levou muitos anos para conseguir os recursos necessários à obra.

Sua alegria era imensa, pois tinha como sonho deixar erguido um grande templo, onde as pessoas de fé do seu reino pudessem se reunir na presença de Deus e, juntas, glorificarem-No e buscarem Suas bênçãos infinitas.

O local que havia escolhido se situava bem no centro da capital do reino. Era de fácil acesso, e as torres do prédio, depois de erguidas, poderiam ser observadas de longas distâncias, já que o terreno era alto e não havia montanhas que obstruíssem a sua vista.

As previsões para a obra eram notáveis. Os tijolos; a madeira; as pedras de granito e mármore; os vidros e toda a ferragem; as ferramentas e os projetos; enfim, tudo era o melhor que se podia obter naquela época. E assim que passaram as chuvas pesadas de verão, o rei, cuidadoso, determinou que comesçassem as obras, e que tudo estivesse pronto e terminado no prazo de cinco anos.

Todos os desenhos foram elaborados por exímios arquitetos, que se esmeraram em cada um dos detalhes do edifício. No que dizia respeito ao altar, entretanto, o rei havia feito um desenho de próprio punho, uma concepção que Deus lhe havia inspirado e que era mesmo algo de extraordinária beleza.

A obra seguia seu rumo bem planejado. A cada dia subiam as alvenarias, dando forma àquela catedral tão bonita. Um dia, o rei resolveu visitar o local das obras e ver como andava o desenvolvimento do serviço.

Para que pudesse observar livremente e evitar qualquer constrangimento

ou atraso que sua presença pudesse trazer aos trabalhadores, o rei se vestiu com roupas simples, colocou um chapéu que lhe fazia sombra ao rosto e, sem alarde, partiu bem cedo em direção à construção.

O som das ferramentas e o movimento dos operários eram notados à distância. Depois de rodear o local e observar cuidadosamente todas as tarefas que eram executadas no momento, aproximou-se de um dos pedreiros e lhe perguntou sem rodeios:

- O que você está fazendo?

- Estou trabalhando para levantar esta parede e, assim, ganhar o dinheiro de que preciso para viver. Sou pobre, tenho muitos filhos, e esta é a maneira que tenho para ganhar a vida - respondeu-lhe o homem.

O rei, disfarçado, despediu-se e se dirigiu para outra parte da obra, onde encontrou um carpinteiro, que se ocupava em pregar madeiras. O rei fez a mesma pergunta que havia feito ao pedreiro, ao que o homem respondeu:

- Estou preparando uma porta, já que na vida eu não tive a sorte de ter pais ricos, que pudessem custear os meus estudos, para que fosse um doutor. Para a minha tristeza, levo a vida no trabalho pesado, porque não tenho condições de arrumar um emprego melhor.

Mais à frente, o rei se deteve diante de um senhor que, embora tendo uma certa idade, empenhava-se arduamente em sua tarefa. Parecia incansável e trabalhava com imenso prazer. O rei, admirado, aproximou-se e lhe fez a mesma pergunta que havia feito aos outros dois operários.

- Estou construindo a Casa de Deus - respondeu de pronto aquele trabalhador.

- Muito bem, meu caro senhor. Agora encontrei alguém em quem posso confiar. Seu trabalho vem do coração; é motivado pelo amor e tenho certeza que, trabalhando assim, Deus há de abençoar suas mãos, para que tudo o que fizer fique certo e bem ajustado. Hoje eu o escolho para ser o encarregado da parte mais importante desta catedral: a construção do altar que Deus me inspirou a fazer - exclamou o rei.

Esta história antiga mostra bem a diferença que há entre os corações dos

homens. A pobreza do primeiro operário era muito mais que a falta de dinheiro. Sua pobreza de alma não permitia ver que a parede que construía era da Casa de Deus, e que, portanto, era um privilégio nela trabalhar. Só isso já o fazia um homem rico e abençoado.

A tristeza do segundo operário era muito mais do que o trabalho pesado. A sua tristeza de espírito o impedia de se alegrar com o fato de que suas mãos serviam para construir a Casa de Deus, o que por si só é o mais honroso dos trabalhos.

Assim, muitas vezes perdemos grandes oportunidades de alcançar as bênçãos de Deus. Ele, através de nossas atitudes no dia-a-dia, prova o nosso coração e nos escolhe ou rejeita para fazermos a Sua Obra neste mundo.

QUANDO SE É FELIZ UM DIA É COMO SE FOSSE UM ANO!

A lenda hebraica que narramos a seguir serve para mostrar o perigo da interpretação casual e conveniente da Bíblia Sagrada.

Há muitos e muitos anos viveu um riquíssimo judeu, o qual possuía uma filha muito talentosa, porém não tão bela.

Como a jovem estava em idade de casar, o velho Jacob Trambik se martirizava com a idéia de ter que arcar com as despesas da festa, e ainda pagar o dote.

Este costume milenar, de pagar um dote em dinheiro ao genro, servia para ajudar o jovem casal a começar a vida. O próprio Jacob, de origem muito pobre, começou a prosperar na vida quando, por ocasião do seu casamento, recebeu do sogro o necessário para se estabelecer como ourives.

Daquela ajuda inicial, e, claro, com o seu esforço diário, construiu uma pequena fortuna, que não desejava repartir com ninguém.

Os jovens judeus daquela época, em idade de casar, eram procurados pelos agenciadores de casamentos, especialmente aqueles que eram de família rica, ou os agraciados com a beleza física.

Jacob tinha em mente para sua filha o jovem Mutret, um rapaz honesto e de boa linhagem, e que prestava bons serviços nos negócios do ourives. Mas como poderia fugir de pagar o dote, sendo rico e tendo apenas uma filha? Não encontraria desculpa diante da corte de rabinos.

Foi então que Jacob contratou um esperto agenciador e os dois prepararam a seguinte proposta, que foi levada ao jovem Mutret: Pelo casamento com a jovem e talentosa Sara, Mutret receberia um dote insignificante, apenas suficiente para as despesas do casamento e as roupas nupciais, mas acrescido a isto receberia dez anos de kest.

Os dez anos de kest significavam que por uma década o jovem Mutret e sua esposa viveriam inteiramente às custas do sogro. Era realmente uma proposta

e tanto. Não precisar suar o rosto ou franzir a testa; sem horário para dormir ou levantar; sem um chefe para dar ordens e sem obrigações a cumprir.

Levado pela sedução da boa vida, Mutret assinou o contrato nupcial, conforme a Lei de Moisés e toda a tradição judaica, e, num dia ensolarado, casou-se com Sara. Após as núpcias, os dois foram direto para a mansão do velho Jacob, para os dez anos de kest.

O sogro se desfazia em gentilezas para agradar o genro. Mandava que os empregados o procurassem para saber, diligentemente, qual a comida que mais lhe agradava e lhe levava os jornais por ocasião do café da manhã. Puxava os mais diversos assuntos pelo almoço e o convidava gentilmente para agradáveis caminhadas após a ceia da tarde.

À noite, antes de dormir, o sogro perguntava:

- Mutret, meu filho, você é feliz em nossa casa? Falta-lhe alguma coisa, por menor que seja, para que a sua felicidade seja completa?

- Não, meu sogro. Sou feliz como nunca fui e não me falta absolutamente nada -respondia de pronto o jovem, sorridente.

Passaram-se assim dez dias e, no décimo primeiro, ao se dirigir à mesa do café, Mutret foi surpreendido com a face amarga do sogro, que foi logo lhe dizendo:

- Você já não tem direito de estar nesta casa a partir de hoje. Cumpri com tudo o que foi combinado na presença das testemunhas. Eu lhe prometi dez anos de kest e, como diz a nossa tradição sagrada, quando um homem é feliz, um dia vale por um ano. Afinal, cada dia que estive em minha casa você me respondeu que era feliz e nada lhe faltava. Dez dias, portanto, valeram para você por dez anos. Arrume suas coisas. Você tem ainda os trocados que lhe dei, é jovem, tem força para o trabalho. Quando eu voltar para almoçar, já não quero ver você aqui. Se quiser, ofereço-lhe o emprego que tinha, mas não espere receber mais do que eu lhe pagava antes.

O rapaz se sentiu enganado e não sabia o que dizer. Como sair daquela situação embaraçosa? Aquela manhã foi a pior de sua vida. Ele, que já havia se habituado com a idéia dos dez anos sem trabalhar, estava arrasado com a iminente volta ao velho emprego; o levantar cedo; o aluguel; as contas a pagar;

enfim, uma realidade que ele havia apagado de sua mente.

Na hora do almoço, quando o sogro chegou em casa e viu o rapaz ainda com as malas por fazer, ficou indignado:

- Ainda permanece em minha casa? Não lembra da nossa conversa pela manhã? Já era para você estar longe!

- disse o homem, enfurecido.

Calmamente, o rapaz respondeu:

- Meu sogro, ouvi com atenção tudo o que me dissesse pela manhã, e não posso negar que a razão dirige tua decisão. Fui feliz nesses dias, como nunca havia sido em toda a minha vida. Conforme nossa tradição, quando um homem é inteiramente feliz, um dia é como um ano. Quanto a isso, dou-me por pago e satisfeito; nada tenho a reclamar. Porém, tenho também meus direitos e anuncio que hoje mesmo darei carta de divórcio à tua filha.

O velho não esperava jamais aquela decisão do rapaz. Na cultura judaica, o divórcio lança sobre a mulher uma mancha de caráter irreparável. É como uma maldição. Para uma jovem recém-casada, nada, exceto a morte, poderia ser pior.

- Você não pode fazer isso! Que direito tem de se divorciar da minha filha? Você se casou de acordo com todas as leis dos homens e de Deus! Tenho o santo Talmude, e você o conhece, e sabe que não se pode jamais dar a carta de divórcio a uma esposa sem justa razão! -disse o sogro, perplexo e um tanto temeroso.

- Posso sim. A Lei de Moisés, o santo Talmude, que tu acabaste de citar, garante o meu direito. Moisés disse claramente que quando um homem se casa com uma mulher, e esta não lhe dá filhos após dez anos, o marido tem o direito de repudiá-la e lhe dar a carta de divórcio. Como dissesse, estou casado com tua filha por dez anos, e, como ela nunca me deu filhos, hoje mesmo redigirei a carta de divórcio e a apresentarei ao conselho de rabinos -retrucou Mutret.

Jacob Trambik emudeceu. Havia sido vítima da sua própria artimanha. Sem chance, concedeu o kest a Mutret, que viveu tranquilo por dez longos anos.

Caro leitor, esta história mostra o lado cômico da relação entre sogros e

genros. Mas mostra também como a Bíblia pode ser usada de maneira extremamente irresponsável, através de uma interpretação casual e conveniente.

Há muitas doutrinas novas, espalhadas por aí, que são como as de Mutret e Trambik Enganam os incautos para lhes extorquir tempo, dinheiro e, o pior de tudo, a salvação.

BODE DENTRO DE CASA?

Conta-se que, há muitos anos, um homem vivia contrariado com a vida. Resmungava o tempo inteiro e via defeito em tudo. Na casa, na esposa, no trabalho, enfim, achava sempre uma razão para reclamar.

Embora vivesse em uma linda terra, às margens do Mediterrâneo, ao Sul da Itália, conhecida até hoje como Régia Calábria, o pobre homem não via a verdadeira beleza da vida e não dava valor ao que Deus lhe havia concedido.

Quem mais sofria nessa história era a sua esposa, pois aturava diariamente o mau humor do marido, que se chamava Márcio e tinha poucos amigos.

Um dia, ela ouviu falar a respeito de um certo apóstolo, chamado Paulo de Tarso, que pregava o Evangelho de Jesus, o Messias, Filho de Deus. Ele falava fluentemente italiano, realizava grandes milagres e estava de passagem, indo para Roma. Então convenceu o marido a procurar o apóstolo e a lhe pedir o milagre que mudaria suas vidas.

Quando Paulo chegou à região, anunciou o Evangelho na praça e orou pelos enfermos. Márcio então se aproximou e contou ao apóstolo toda a sua infelicidade. A vida pobre que levava no sítio, o trabalho árduo, a rotina de cuidar dos animais, e especialmente a casa pequena na qual morava.

- Apóstolo, ouvimos dizer que Deus faz muitos milagres através de suas mãos. O senhor pode, então, fazer o milagre de mudar a minha situação? Quero uma casa melhor, um trabalho melhor, uma vida melhor -falou, ansiosamente.

Paulo, olhando para os olhos meigos da esposa do rapaz, entendeu toda situação e respondeu:

- Sim, eu posso fazer o milagre que você quer. Mas você precisa prometer que fará tudo o que eu disser. Se falhar em uma só coisa, fico desobrigado de cumprir o que agora prometo.

- Sim, sim, farei tudo que o senhor me disser - respondeu de imediato.

- Muito bem. Assim que chegar ao seu sítio, apanhe um casal de gansos e ponha para morar dentro da sua casa - disse Paulo.

O homem não entendeu a razão daquilo, mas, como havia prometido, assim fez. A casa, que já era pequena, ficou menor. O casal de gansos não parava de perturbar. Ia do quarto para a sala e da sala para a cozinha. Subia na mesa, na mobília e sujava o chão. É impressionante como um casal de gansos provoca uma irritação insuportável em questão de minutos.

Alguns dias depois, como nada mudara em sua vida e não agüentando mais os gansos, ele saiu à procura do apóstolo. A casa onde Paulo pregava estava cheia de doentes e o homem de Deus lutava contra os espíritos imundos.

Márcio, que só conseguia ver os seus próprios problemas, interrompeu o apóstolo para dizer:

- Fiz o que o senhor me disse, e nada mudou na minha vida!

Lembrando-se do caso, Paulo respondeu:

- Hoje, quando voltar para a sua casa, ponha a sua vaca para morar com você. Faça isso antes que anoiteça.

O homem voltou desolado, mas, como queria seu milagre mais que tudo, ainda sem entender puxou a vaca para dentro da sala, fechou a porta e, antes de anoitecer, lá estavam Márcio, sua esposa, os gansos e a vaca. Que situação!

No dia seguinte, bem cedo, Márcio acordou com o mugido da vaca e o grasno estridente dos gansos. A casa era uma balbúrdia! A vaca era enorme. Caíram os quadros da parede; os móveis ficaram empilhados em um canto, sem falar do balaio de capim para a vaca e do balde de milho para os gansos.

Poucos dias se passaram e o homem, muito contrariado, procurou de novo o apóstolo.

- Lembre, Márcio, que você prometeu fazer tudo que eu lhe dissesse. Ao voltar, ponha também o seu bode para viver com você, com os gansos e a vaca - disse Paulo.

Era a última coisa que ele gostaria de ouvir. Pensou mesmo em desistir e

quebrar a sua promessa, mas, convencido por sua esposa, ainda que contrariado, amarrou a corda no pescoço do bode e puxou o animal para dentro.

A primeira coisa que o bode fez foi comer a cortina do quarto. E a partir daí foi fuçando tudo que via. O aspecto da casa era terrível! O cheiro insuportável! A vida de Márcio, desde quando o Sol nascia e entrava pela janela, sem cortina, até o anoitecer, quando cobria o rosto com o travesseiro, para escapar do cheiro do bode, era um tormento só.

O homem foi ficando esgotado. Dormia mal, comia sentado no chão e nem se animava a tomar banho. Sua esposa, coitada, ficou com a aparência de uma bruxa. Muito cansado e abatido por tantas noites mal dormidas, já sem forças, procurou o apóstolo.

- Muito bem, Márcio. Hoje você tira os gansos e amanhã, pela manhã tira, a vaca e o bode. Faça assim e receberá o milagre que espera -disse Paulo.

Dessa vez o homem chegou em casa aliviado.

- Mulher, mulher! Acabou o nosso tormento! Hoje tiramos os gansos e amanhã cedo saem a vaca e o bode! Maravilha! Maravilha! -gritava, numa alegria incontida.

Ao amanhecer, o casal tirou os últimos animais de dentro da casa e se pôs a reconstruir o lar. Teceram novas cortinas, lavaram e enceraram o velho piso de madeira, pintaram as paredes e reformaram os móveis.

Márcio foi pelos campos ao redor e trouxe, para perfumar a casa, lindas flores. Tão lindas e perfumadas que era de impressionar o fato de que nunca as notara antes. Até o telhado foi ajeitado.

Em poucos dias a casa ficou uma beleza. Tornou-se a mais linda da região. Márcio tinha, agora, o maior prazer de sentar na sala, fazer suas refeições à mesa e dormir sossegado no seu quarto confortável. Elogiava a comida, a arrumação da casa e a beleza da sua esposa. Assim, o milagre que Paulo prometeu se cumpriu e Márcio se tornou muito feliz.

Que milagre maravilhoso! Quantas pessoas, hoje tão tristes, não resolveriam seus problemas simplesmente levando um bode para passar uma temporada com elas, dentro da mesma casa?

Mais tarde, o sábio apóstolo escreveu:

“Tanto sei estar humilhado como também ser honrado,. de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome, assim de abundância como de escassez.”

Filipenses 4.12.

A LEI DE DEUS QUE JESUS QUEBROU

Conta-se que há muitos anos aconteceu um fato muito interessante no reino de Vertalona, ao Norte do Mar Adriático.

Naquela época, o reino era governado por um rei extremamente religioso, que em tudo obedecia às orientações dos sacerdotes.

Nesse cenário, qualquer pessoa que se rebelasse contra as imposições da religião oficial era sumariamente julgada e condenada à morte, como praticante de bruxaria e feitiçaria.

A leitura da Bíblia Sagrada era permitida apenas às autoridades sacerdotais, e lida em latim para o povo, na hora do ritual religioso. É claro que as pessoas simples apenas ouviam a leitura do texto, mas nada compreendiam e também não ousavam perguntar.

A palavra dos sacerdotes era incontestável, sendo apenas eles considerados os únicos conhecedores da Palavra de Deus e da Sua santa vontade.

Nem mesmo o rei ousava se levantar contra o poderio dos sacerdotes, temendo que Deus viesse a castigá-lo.

Havia, entretanto, um homem que não temia os sacerdotes. Era o taberneiro, que fornecia vinho ao castelo onde os sacerdotes moravam. Por muitas vezes havia presenciado a confraria dos religiosos e a maneira como se comportavam longe do altar e do povo, e como se embriagavam.

Acostumado a levar e a buscar os tonéis de vinho, que supostamente seriam usados em cerimônias religiosas, conhecia bem quem eram os sacerdotes e como agiam às escondidas.

Em uma dessas idas ao castelo, o taberneiro se apoderou de uma Bíblia, a qual passou a ler todos os dias com extraordinário interesse. Conhecendo a Verdade, ficou revoltado com a religião oficial. Não tardou a ensinar a outros as maravilhosas promessas que Deus anuncia na Sua Palavra.

Tocado pelo que lia, deixou a taberna e passou a se dedicar ainda mais ao estudo e ao ensino da Bíblia Sagrada. Outras pessoas, que ouviram os seus ensinamentos, passaram igualmente a compartilhar com ele daquela experiência e um avivamento começou a tomar lugar no reino.

Num instante havia mais pessoas se reunindo na casa do ex-taberneiro que aos pés dos sacerdotes na hora do ritual religioso. Isso era aviltante, pensaram os sacerdotes. Levaram o assunto ao rei, que prometeu tomar severas providências e, sem demora, decretou que o pobre homem fosse levado à prisão, para ser julgado por seu "crime".

Os que se congregavam com ele ficaram profundamente tristes e apelaram ao rei, sem, porém, obterem sucesso. O julgamento foi marcado e o comentário geral era de que ele seria condenado à morte.

O dia do julgamento chegou. Os sacerdotes, com suas vestes negras, sentados à frente do trono do rei, ocupavam o palanque construído na praça central, para onde levaram o homem, a fim de ser julgado.

Assim que o trouxeram, o rei determinou que as acusações fossem lidas. Os sacerdotes o acusavam de que, ensinando a Bíblia, o homem quebrara a lei sagrada de Deus e do maioral dos sacerdotes, fazendo algo que nunca ninguém antes havia se atrevido a fazer, com a agravante de ter cometido tal pecado na presença de muitas testemunhas. Antes de proferir a sua sentença, o rei deu ao homem a chance de se defender.

-Vossa Majestade julgue a minha causa como melhor lhe aprouver. Hoje sou acusado de quebrar a Lei de Deus e, portanto, estou prestes a morrer. Gostaria de usar em minha defesa o fato de que o nosso Senhor Jesus Cristo, em Sua época, também quebrou a Lei de Deus, o que nunca ninguém antes d'Ele havia se atrevido a fazer, e o fez na presença de muitas testemunhas, e ainda assim foi perdoado pelo Pai começou o pregador.

- Que lei de Deus Jesus quebrou em Sua época? - perguntou o rei, com grande curiosidade.

- Pergunte aos sacerdotes. Vossa Majestade sabe que hoje sou acusado de ensinar o que não sei. Ora, certamente algum dentre eles poderá confirmar as minhas palavras e satisfazer a curiosidade do rei. Se não souber, ficarei feliz em provar a minha defesa e revelar ao rei essa verdade, em troca da minha liberdade

-disse o acusado.

Indagados a respeito, os sacerdotes negavam tal hipótese. Embora não conhecessem a Bíblia como deviam, eles apostaram que seria impossível ao acusado provar a sua defesa e, portanto, unanimemente concordaram em lhe garantir a liberdade, se pudesse provar a sua defesa.

- Ora, a Palavra de Deus diz que, tendo despedido os Seus discípulos em um barco, Jesus permaneceu em terra, orando no monte. Por volta da terceira hora da noite, veio Ele andando sobre o mar, para ter com os Seus discípulos no barco. Peço aos sacerdotes que confirmem se as minhas palavras estão ou não escritas no texto da Palavra de Deus - começou o acusado.

- Sim, estão! Mas o que isso tem a ver com a defesa que queres provar? - perguntaram os sacerdotes.

- Como se pode ver, os sacerdotes acusadores confirmam as minhas palavras e me garantem a liberdade. Ao andar sobre as águas, o Senhor Jesus Cristo quebrou a lei de Deus chamada Lei da Gravidade, que rege todos os homens e os astros. Fez o que ninguém antes havia feito e o fez na presença de muitas testemunhas -disse o homem.

O rei e os sacerdotes foram apanhados na esperteza do pregador. Como haviam prometido, diante de todo o povo, tiveram de soltá-lo. A história é curiosa e a perseguição continua a mesma. Para escapar dela, realmente precisamos da simplicidade da pomba e da sagacidade da serpente.

SEU MOREIRA E OS SAPATOS NOVOS

Quem de nós não se lembra da sapataria onde costumávamos ir sempre que o velho par de sapatos deixava de ser um confortável amigo, para ser motivo de vergonha, pelas marcas do uso? Ainda que uma sapataria não cativasse a fidelidade do cliente como uma barbearia, por exemplo, a do bairro sempre nos arrasta pela comodidade.

Normalmente o vendedor dessas antigas sapatarias masculinas é um sujeito atencioso, que não se incomoda de pegar caixas e mais caixas, procurando cercar o cliente de todas as opções disponíveis. Ajuda a calçar e aguarda calado a decisão do comprador.

Seu Moreira, um senhor dos seus 60 anos, representante de laboratório farmacêutico, morador do bairro e cliente antigo de uma dessas sapatarias, não dispensava a ajuda do vendedor, pois tinha certa dificuldade para se calçar, devido muito mais à barriga que à idade.

Com a humildade de sempre, o vendedor se agachava e, com a ajuda de uma calçadeira, empurrava aquele pé gordo para dentro do sapato escolhido. Puxava o cadarço e dava o nó, enquanto o Seu Moreira fazia cara de quem chupava um limão azedo.

Ele, no entanto, jamais reclamava; pelo contrário, fazia questão de levar sapatos menores que o seu número. Sabe-se lá o porquê, comprava sempre o mesmo modelo. O vendedor, ainda que muito intrigado, não se julgava no direito de questionar a decisão do cliente.

O que fazia o Seu Moreira comprar um sapato menor? Sua profissão o obrigava a fazer longas caminhadas, a visitar inúmeros consultórios médicos, levando aquela pasta pesada, cheia de amostras. Devia ser um insuportável desconforto cada vez que seus pés tocavam as ruas e calçadas abrasadoras dos dias quentes do Rio de Janeiro. Como era possível alguém se infligir tão severa punição?

Um belo sábado, à tarde, o Seu Moreira apareceu muito bem disposto na

sapataria. Nem parecia que tinha perdido a esposa havia poucos dias. Pela primeira vez estava de fato alegre. Escolheu um novo modelo de sapatos, muito mais bonito e bem mais caro que o usual, e, quando o vendedor lhe trouxe o número de sempre, ele sorriu e disse:

- Não, meu bom amigo. Não uso mais este número. Traga um maior, por favor.

O sapato lhe coube como uma luva. Seu Moreira dava passos felizes e sorria. Antes de sair da loja, revelou ao vendedor o seu segredo:

- Amigo, sei que muitas vezes o intriguei, quando comprava sapatos de número menor que o meu, e me obrigava a andar com aquelas dores nos pés. É que sendo muito malcasado, tinha uma esposa que me infernizava a vida. Quando, no trabalho, lembrava-me de que ao anoitecer teria de voltar para casa e suportá-la, consolava-me com o fato de que pelo menos em casa poderia tirar os sapatos, que tanto me atormentavam. Agora, depois de muito sofrer, vejo-me livre de dois tormentos, e, por isso, sinto-me tão feliz! Fiquei viúvo e, portanto, não preciso mais dos sapatos pequenos.

Como é preciosa a mulher discreta, cujas palavras são sábias, mas quão terrível é aquela que transforma a vida do marido em um verdadeiro infortúnio. Amigo leitor, leio a Bíblia já por mais de 30 anos, e o único versículo que encontrei repetido, exatamente da mesma maneira, em capítulos diferentes, fala sobre o assunto que estamos a tratar.

Peço a você, meu caro amigo, que reflita comigo. Provérbios 21.9 e 25.24 dizem exatamente a mesma coisa: *'Melhor é morar no canto do eirado que junto com a mulher rixosa na mesma casa.'*

Confira.

O REI FOGO

Uma lenda africana fala de Phuza Kakhulu, o grande rei Fogo, poderoso, do Norte do Rio Congo. Um dia, quando se deslocava em comitiva pela selva, perdeu-se dos demais e, após caminhar por muitas horas, encontrou uma humilde cabana em uma clareira, à beira de um rio.

Pelo caminho, havia rasgado todo o seu nobre traje, tendo apenas a aparência de um homem cansado. Ao se aproximar, foi gentilmente saudado por um velho, que há muitos anos tentava a sorte a buscar ouro nas águas do pequeno riacho, o qual lhe ofereceu repouso e uma bebida deliciosa, de altíssimo teor alcoólico, fermentada por frutos silvestres.

O rei, testando a reação do seu hospedeiro, após beber o primeiro copo, disse:

- Bom homem, sou primeiro-oficial da guarda pessoal do grande rei Phuza, soberano de todas as tribos. Quando ia em comitiva pela selva, desloquei-me à frente, para antecipar qualquer perigo. Vi-me perdido e acabei por encontrar sua choupana.

O velho, sentindo-se honrado, respondeu:

- Feliz sou eu, pois julgava-me esquecido por Deus e pelos homens, e, agora, o destino trouxe à minha morada, tão distinto oficial.

O soberano, satisfeito, tomou outro copo e continuou:

- Conhecendo-lhe melhor o coração, sinto-me seguro para revelar que não sou apenas um oficial da guarda, mas o general comandante de todo o exército do império do grande rei de todas as tribos.

O velho, admiradíssimo, respondeu:

- Vejo que a honra a mim concedida por Deus é a maior que tive na vida, pois jamais pensei que pudesse ser de alguma utilidade a um servidor tão nobre do grande rei.

O rei tomou mais um copo cheio e, já com os olhos a brilhar e sem poder conter o riso, disse:

- Se te sentes feliz por receberes um general, saiba que realmente sou primeiro-ministro do reino e das terras conquistadas, encarregado de todas as riquezas do nosso imenso país. Tenho sob o meu controle pessoal as finanças do rei, que nada faz sem antes me consultar.

O pobre velho arregalou os olhos e exclamou:

- Já não me sinto digno de estar a servir Vossa Excelência com tão simples bebida, em uma tão simples palhoça. Se a alguém eu disser que estive comigo, em minha própria morada, a mão direita do grande rei de todas as tribos, receberei favores e a história que agora tenho a contar certamente interessará a todos que venham a ouvi-la.

"Sua Majestade" não pôde conter uma estrondosa gargalhada. Após tomar outro copo cheio daquela poderosa bebida, já com os olhos vermelhos e a cabeça a bailar, estufou o peito e revelou:

- Bom e hospitaleiro homem, não sou um simples oficial, um general ou primeiro-ministro, mas o próprio rei Phuza Kakhulo, majestade de todas as tribos, o grande e terrível rei Fogo! -disse ele, com a voz embargada pelo álcool.

O homem tomou-lhe a garrafa, arrancou-lhe o copo da mão e respondeu:

- Pare lá, pobre homem! Já não podes beber, pois que no próximo copo me dirás que és o próprio Deus! Agora sei quem realmente és: Um fraco que, não conseguindo se dominar, deixa-se levar pela força da bebida. Já não me agrada a tua companhia!

Então, sentindo-se ofendido pela suposta pilhéria que o bêbado lhe teria feito, arrastou o rei até uma pequena canoa às margens do rio e, colocando-o nela, deixou que as águas o levassem rio abaixo.

Assim é a situação do que se deixa levar pela bebida. Não é trabalhador, advogado, estudante, médico, ministro ou presidente; é apenas um pobre infeliz, escravo do vício da bebida, sendo levado pelas águas da vida.

A Bíblia Sagrada ensina:

“Para quem são os ais? Para quem, os pesares? Para quem, as rixas? (...) Para quem, as fendas sem causa? E para quem, os olhos vermelhos? Para os que se demoram em beber vinho, para os que andam buscando bebida misturada. Não olhes para o vinho, quando se mostra vermelho, quando resplandece no copo e se escoia suavemente. Pois ao cabo morderá como a cobra e picará como o basilisco. Os teus olhos verão cousas esquisitas, e o teu coração falará perversidades. Serás como o que se deita no meio do mar (...) e dirás: Espancaram-me, e não me doeu, bateram-me, e não o senti, quando despertarei? Então, tornarei a beber.”

Provérbios 23.29-35

ONOFRE, O VENDEDOR DE RELOGIOS

Nos idos da minha infância, tive a felicidade de freqüentar com certa assiduidade o bairro de São Cristóvão, Zona Norte do Rio de Janeiro, o qual se espalha ao redor da Quinta da Boa Vista, um dos mais aprazíveis locais da cidade e residência da família imperial no século XIX.

Vizinho ao Cais do Porto, São Cristóvão é o portão do Rio para o viajante cansado que, vindo de todas as partes do Brasil, por via terrestre, obrigatoriamente percorre a colossal Avenida Brasil.

Por sua característica adjacente ao nascedouro daquela avenida, São Cristóvão é, até hoje, uma mistura de bairro residencial e industrial, abrigando inúmeras empresas transportadoras, cujos caminhões, carregados e cobertos com suas lonas típicas, colore as ruas.

É curioso observarmos o cuidado com que se cobre um carregamento; todos os trançados e nós que os caminhoneiros bordam com suas cordas, até que, por fim, após várias horas, termina a carga perfeitamente coberta e protegida da chuva pela lona encerada, cuja cor, mais puxada para o cáqui (um amarelo Misturado com o laranja, com traços de mostarda), traz a lembrança de um empadão daqueles de domingo, saindo do forno da casa da vovó.

Era justamente no querido bairro de São Cristóvão que Onofre, de quem falaremos, trabalhava. Não era caminhoneiro, como é a maioria dos nordestinos ali estabelecidos; era, sim, vendedor de óculos de sol e relógios, com uma banca armada em uma das calçadas mais movimentadas daquele bairro carioca.

Nosso amigo tinha sido caminhoneiro antes, mas, infelizmente, um acidente lhe levou o antebraço esquerdo, até a altura do cotovelo, desfazendo para sempre o prazer que Onofre tinha em dirigir seu caminhão por este mundão afora, desbravando cada canto deste imenso Brasil.

O braço direito nada sofrera; pelo contrário, era perfeito e muito forte, desenvolvido pelas longas jornadas e tantas cordas que havia puxado e prendido a carga do caminhão.

Habitado ao bairro que lhe havia abrigado, quando anos antes havia chegado do Nordeste, Onofre recebeu a indenização da transportadora e ali mesmo resolveu se estabelecer no negócio de ambulante, chamado popularmente de "camelô".

Não reclamava da vida, até porque, em um bairro de caminhoneiros, relógios e óculos de sol são um grande negócio. Afinal, quem de nós nunca quebrou um par de óculos ou perdeu um relógio?

Era natural, no entanto, que a distância da profissão que tanto amava deixasse um pouco de rancor e tristeza no coração do sujeito que, portanto, não era lá de muitas brincadeiras.

Onofre, vendedor daqueles relógios de pulso modelo antigo -movidos a corda e longe de serem à prova d'água, como os de hoje -usava um muito vistoso, exatamente no braço que era "cotó", ou seja, o esquerdo. Era impossível que alguém, ao se aproximar da sua barraca, deixasse de notar o fato.

Havia, porém, um segredo que fazia aquela barraquinha ser especial, e era o seguinte: Normalmente, quando clientes se aproximavam do ambulante, especialmente jovens e falantes rapazes, em grupos, sentiam-se como a fazerem um grande favor ao pobre comerciante, e revelavam uma desinibição e arrogância que jamais teriam se estivessem em uma loja fina de artigos caros.

Reclamavam do modelo, queriam desconto, diziam que o produto não era bom... A tudo Onofre ouvia calado, mas havia uma coisa que ele não tolerava. Quando algum gaiato, tomado pela conclusão rápida, dizia "Companheiro, diga-me lá, se Deus lhe deu um braço perfeito, por que é que usa o relógio justamente no que é defeituoso?", era o momento esperado para espantar o importuno e a resposta vinha "de primeira":

- Posso colocar no outro braço, mas na hora de tomar banho, acertar os ponteiros ou dar corda no relógio, vou chamar a sua mãe para fazer isto por mim.

A resposta fulminava o envergonhado e humilhado freguês, que dava um sorriso amarelo, e todo o ar imponente que tinha

vinha abaixo quando, após refletir, dizia: 'M, é mesmo... Eu não tinha pensado'.

Acho que foi por isso que o Senhor Jesus nos ensinou, com tanto afinho, a virtude da humildade. Porque se perdemos até mesmo nos menores confrontos da vida, fazemo-nos vítimas de nós mesmos e acabamos envergonhados.

Além do mais, com dois ouvidos, dois olhos e apenas uma boca, fomos feitos para observar e ouvir muito mais que falar. Diz a sábia Palavra de Deus:

"Sabeis estas coisas, meus amados irmãos. Todo homem, pois, seja pronto para ouvir tardio para falar tardio para se irar."

Tiago 1.19

O SEGREDO DO HOMEM DE DEUS

Caio era um jovem do interior e sonhava com o ministério na Obra de Deus. Enchiam-lhe a alma as palavras de Jesus, que nos enviou a pregar pelo mundo afora. Cada vez que as lia, seu coração ardia e se imaginava desbravando fronteiras, a levar a bandeira do Evangelho de Cristo.

Sendo, no entanto, jovem e estando em um mundo com tantas seduções, vivia atormentado pelos maus pensamentos, e, profundamente decepcionado, por vezes se surpreendia sendo arrastado pela força dos instintos da carne.

Falava o que não devia; sentia o que não devia; pensava o que não devia, caindo em si quando já era tarde. Atormentado pelo remorso, via seu sonho cada vez mais distante. "Como dominar a carne e vencer a si mesmo? Será isso possível?", pensava Caio.

Foi nesse tempo que resolveu passar as férias na casa do seu tio, um verdadeiro homem de Deus, que pregava o Evangelho na grande cidade de São Paulo. Durante o caminho, o jovem foi carregando a questão que lhe afligia a alma: "Como dominar a mim mesmo?". Mal podia esperar a hora em que perguntaria isso ao tio.

Não tardou a chegar ao destino e, depois dos cumprimentos, pediu a atenção do tio para o assunto que o trazia.

- Meu tio, venho de longe para buscar com o senhor o segredo que tem para viver a vida sem se deixar levar pela carne, já que há tantos anos prossegue em seu caminho, sem nunca alguém ter ouvido que tenha caído - disse ele.

O tio compreendeu e prometeu ajudar, porém estava na hora da reunião da noite, na igreja, e não podia demorar. Convidou então Caio para acompanhá-lo. Depois da reunião, incansavelmente o pastor atendeu o povo, ouvindo com atenção e dando conselhos, sempre com base na Palavra de Deus.

Quando era já bem tarde, após todos terem saído, os dois rumaram para a emissora de rádio, onde o pastor fazia seu programa todas as noites. Bem mais tarde, cansados, foram dormir.

Na manhã seguinte, quando Caio acordou, encontrou o pastor já pronto para ir à igreja. Tomaram o café, sem demora, e lá se foram os dois juntos. O dia na igreja, desde a manhã até a noite, era continuamente ocupado.

O pastor ora estava nas reuniões, ora aconselhando o povo; ora atendendo alguém por telefone, ora ensinando os obreiros; ora planejando o evangelismo nos arredores, ora organizando a visita ao hospital do bairro. Escrevia ainda os testemunhos para o jornal e, então, já era hora do programa pelas ondas do rádio.

À noite, Caio, exausto, dormia profundamente. Os dias voavam e o jovem cada vez mais se envolvia. O ritmo do tio era contagiante e suas atitudes e conversas eram sempre cheias de fé e ânimo.

Ao meio-dia, sentavam-se à mesa para uma refeição simples, porém farta. Em seguida, o pastor descansava por uma hora e, refeito, levantava-se para a jornada da tarde. Sete dias na semana, quatro semanas no mês. Não reclamava; era feliz demais para isto.

Sua esposa o seguia no mesmo passo; os dois, juntos, completavam-se. Parecia que podiam ter uma conversa de mil palavras só com a troca de olhares ou um pequeno sorriso. O ambiente era sempre agradável, ainda que muito ocupado.

Os dias passavam sem demora e as férias de Caio acabaram, sem que ele se desse conta. Ao se despedir do tio, este lhe perguntou se ainda queria saber o segredo do ministério. Com surpresa, Caio notou que havia esquecido a pergunta, tanto quanto os maus pensamentos, sentimentos e fraquezas, e, assim, encontrara a resposta: Uma boa esposa e a vida completamente sobre o altar era o simples mas infalível segredo do homem de Deus.

A RESPOSTA DO MOTORISTA

Os professores e profissionais liberais que alcançam sucesso em suas profissões costumam proferir palestras para audiências compostas, geralmente, de profissionais da mesma área.

É curioso constatar que a mesma palestra proferida para audiências distintas provoca, por parte dos ouvintes, perguntas muito semelhantes. Assim foi que um economista brilhante percorria todo o país, proferindo sempre a mesma palestra sobre o tema "inflação".

Tinha o homem um fiel motorista que, por coincidência, tinha uma incrível semelhança física com ele. Os dois sempre iam juntos para todos os lados. Sem ter o que fazer durante aquelas duas horas de palestra, o motorista se juntava aos ouvintes, sentando-se bem na primeira fila, ouvindo atentamente, como se também economista fosse.

Foram tantas as vezes que ouviu as mesmas palavras e perguntas por parte da audiência que, um dia, atreveu-se a afirmar ao patrão que estava apto a proferir ele mesmo a palestra.

O homem, já cansado de repetir o mesmo tema, pôs-se então a ouvir o motorista, e foi com surpresa que constatou que ele sabia mesmo tudo. Fez-lhe todas as perguntas de costume da audiência e o motorista, com a mesma fluência, respondeu a todas, sem pestanejar.

Convencido de que tinha arrumado um bom dublê, o economista passou então a usá-lo. A partir de então, eles se revezavam. Um dia um dava a palestra e o outro se sentava na primeira fila, como o motorista; no outro dia, trocavam.

Os dois se divertiam com a situação e tudo ia muito bem até que, em uma palestra ministrada pelo motorista, alguém; e levantou e fez uma pergunta que ninguém jamais tinha feito antes.

O pobre motorista gelou. A pergunta era direta, clara inteligente, mas esta ele nunca tinha ouvido o patrão responder. Fez-se um silêncio profundo no auditório, enquanto todos aguardavam a resposta do emérito economista.

- Esta pergunta que o senhor me formula é, no seu conteúdo, tão simples de ser respondida que até o meu motorista, aqui sentado na primeira fila, tem condições de respondê-la! - motorista, por favor, venha aqui ao microfone e dê ao senhor a resposta! - disse o angustiado motorista.

Tem sempre o dia em que o escondido é revelado. Ninguém pode sustentar uma farsa, por mais elaborada que tenha sido, diante dos olhos de Deus. Não foi Jesus quem disse "Não há nada escondido que não venha a ser revelado"?

AGUA LIMPA E AGUA SUJA

Foi por amor e obediência à Palavra de Deus que, há muitos anos, Olindo Gonçalves largou sua pátria e seus amigos para fazer a Obra de Deus no continente africano. Sua família – a esposa e os filhos -seguiu junto na aventura de conquistar as almas perdidas e levá-las aos pés do Senhor Jesus.

A vida em um país estranho, sem amigos e de outra cultura, traz sempre uma expectativa na alma, e só mesmo a fé em Deus pode dar forças nessas ocasiões. Foi em um desses momentos, nos quais nos perguntamos "Meu Deus, o que é que eu vou fazer?", que o missionário se lembrou que não estava sozinho.

Ainda que não conhecesse ninguém naquela terra, poderia sempre contar com o apoio de um outro pastor, irmão na fé, soldado da mesma guerra, que, certamente, alegrar-se-ia com a sua chegada e com quem encontraria orientação para o início do seu ministério.

Começar é sempre difícil, especialmente quando se luta contra o diabo, em uma terra que não é a nossa. Há problemas com os papéis do Governo, imigração, moradia, aluguéis e coisas do gênero.

Assim, ele procurou e achou. Existia mesmo um conterrâneo radicado no país havia muitos anos, pastor de outra igreja. Era tudo de que Olindo precisava naquele momento. "É uma bênção de Deus", pensou ele.

Na primeira vez que se encontraram após os cumprimentos, as notícias que o missionário recebeu do pastor não foram lá muito boas. Aliás, foram as piores possíveis. O homem estava

extremamente pessimista. Falava só de dificuldades, da impossibilidade de registrar junto ao Governo um novo trabalho, ia falta de união entre as igrejas e, para finalizar, falava até de uma possível guerra, que estava prevendo para breve. Finalmente, sugeriu:

-Olindo, sem dúvida você veio no momento errado. Volte para a sua terra e, quem sabe, daqui a uns dois anos você possa voltar. Você tem mulher e filhos,

e não vai querer arriscar a família numa guerra, não é?

O missionário notou que havia algo estranho no modo de falar do pastor, mas, conversando com os outros radicados no país, ouviu o mesmo. Ora, se o país está com tantas dificuldades, é lá mesmo que Deus precisa de homens de fé, para amarrarem os demônios e mudarem a situação.

Olindo não olhou para trás e continuou o seu caminho. Conhecia o poder de Deus, sabia do seu chamado e não olhava para as dificuldades. O trabalho cresceu; os pastores, que antes não ajudaram, passaram a criticar, colocando defeitos em tudo que Olindo fazia.

O cavalo, quando vai beber água, ao ver a própria imagem refletida no espelho das águas, pensa se tratar de um outro animal que vem para beber, e bate com as patas no chão, para espantá-lo, mas apenas levanta a terra do fundo e acaba por beber a água suja. Jesus disse:

“A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara.” Mateus 9.37,38.

Esta é a grande verdade. A seara é imensa e os trabalhadores são poucos, porém há os que crêm e agem exatamente ao contrário: Procuram com todas as forças impedir o crescimento de qualquer outro trabalhador, achando que se trata de um rival, à semelhança do cavalo.

Assim, fazem de uma água tão cristalina e pura, e tão boa de beber, uma água suja pelas suas próprias patadas.

O BISPO E SEUS DOIS FILHOS

Há muitos anos, conheci um bispo muito importante, que tinha dois filhos. Ao mais jovem ele amava muito; o mais velho, este ele desprezava.

O bispo era um homem de muitos conhecimentos e vasta experiência. Suas mensagens fortaleciam o coração, educavam a alma e despertavam a fé. Não era à toa que a sua congregação crescia mais que todas as outras. Sua direção era segura e não havia nenhuma dúvida de que Deus era com ele.

Os dois filhos freqüentavam assiduamente os cultos na igreja, e ambos se fortaleciam no conhecimento da Palavra de Deus e no exemplo do seu pai.

Com o passar dos anos, o mais velho se tornou homem e manifestou o desejo de seguir as pegadas do pai, dedicando a vida à conquista das almas perdidas.

Seu pai, porém, que amava ao filho mais jovem e sonhava em lhe deixar a liderança da sua congregação, esquivava-se de atender ao desejo do seu filho mais velho, sempre lhe dizendo que deveria aguardar uma confirmação de Deus, e que ainda havia muito para aprender antes de tomar uma decisão tão importante.

O rapaz, muito sincero de coração, tendo a alma ardendo de desejo de pregar o Evangelho, sentindo-se rejeitado pelo pai, a quem tanto amava e admirava, viu-se obrigado a deixar aquela congregação e partir em busca dos perdidos, sem qualquer apoio do pai.

O bispo não ligou, pois tinha o seu coração no filho mais jovem. Este, um rapaz vistoso e muito inteligente, também cresceu e manifestou o desejo de seguir o caminho do pai. O velho bispo via, assim, o seu sonho se concretizar!

Ao filho mais jovem, que tanto amava, logo consagrou pastor e lhe deu as mais importantes tarefas e a mais alta autoridade. Logo o jovem pastor se tornou o líder da maior igreja da congregação, a sede, e a de todos os demais deveriam obedecer.

Ao mesmo tempo, o filho mais velho, sem poder contar com qualquer apoio do pai, encontrou as mais severas adversidades e dificuldades. Sendo um verdadeiro homem de Deus, trabalhou incansavelmente, dia após dia, e o próprio Deus o honrou, fazendo surgir uma congregação muito maior que aquela do seu pai.

O bispo veio a falecer, porém não antes de ver o erro que havia cometido. Seu filho mais jovem tinha recebido as melhores instruções, porém de mesmo havia lhe poupado as dificuldades, as provações e os rigores, os quais formam a temperança do caráter do homem de Deus.

O jovem não teve forças para manter a congregação unida, e todo o grande trabalho do pai se dividiu e enfraqueceu. Muitas vezes mais forte, o trabalho do filho mais velho, aquele que o pai desprezara, surgiu e cresceu, alcançando todo o mundo.

O velho bispo fez a escolha errada, porém Deus fez a escolha certa. E o desprezo que deu ao filho mais velho acabou por ser, na verdade, o que Deus mais precisava para fazer dele um verdadeiro bispo.

Ora, a herança de um homem de Deus não consiste em bens materiais e facilidades que possa arranjar para os seus filhos, dentro do ministério.

Se Jesus aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu, e ainda sendo Filho do grande Deus Altíssimo foi provado, perseguido, injustiçado e então vitorioso, quanto mais nós. Cada um de nós deve, individualmente, matar seu leão e conquistar sua vitória através da própria fé em Deus.

O GALO VELHO E O GALO NOVO

Na fazenda do Arlindo não havia grandes plantações, mas no terreiro, atrás da casa, tinha uma vasta criação de galinhas, que dava gosto ver.

Os ovos eram uma beleza! Não como esses que se encontram nas granjas e aviários, mas aqueles de gema amarelinha, saborosíssimos.

O Arlindo tinha inúmeras galinhas, mas um só galo. Era o velho Bastião, que reinava soberano no terreiro, já com muitos anos de bons serviços prestados.

Tudo corria em muita paz, até que chegou na fazenda um galo jovem, de bico grande, chamado Fincudo. É claro que o clima não tardou a ferver. Bastião e Fincudo não podiam nem se ver.

Ainda que as galinhas fossem muitas, cada um dos galos queria reinar com absoluta soberania, o que significava que um dos dois tinha de partir. Em diálogo, nem pensar! A coisa tinha de ser resolvida na força, numa "briga de galo". E a briga foi ferrenha.

Os dois se pegaram na porta do galinheiro e foram se bicando e pulando de um canto a outro do terreiro. As galinhas cacarejavam loucamente para todo lado. A confusão era total, até que, algum tempo depois, o velho Bastião, já cansado, deu-se por vencido.

Fincudo era só orgulho. Deu uma olhada de ponta a ponta no terreiro e a sua crista estava mais em pé do que nunca. Um momento de conquista como este tinha de ser comemorado em grande estilo. Nada mais adequado que cantar de galo lá de cima do telhado.

Fincudo subiu em cima da cerca, pulou para o telhado da varanda, que era mais baixo e, não satisfeito, de lá voou para o alto do telhado principal da sede da fazenda. O jovem, galináceo estufou o peito e soltou: "Có-có-ró-có-có!!!!"

O som foi tão alto que chamou a atenção de um gavião que voava por perto. A ave bateu forte suas asas e, num vôo rasante e fulminante, arrebatou Fincudo do telhado, levando-o em suas garras possantes. E lá se foi o pobre galo, infeliz,

para ser devorado, não se sabe onde, enquanto o velho Bastião reassumia suas funções novamente.

A fábula do galo Fincudo mostra, em sua simplicidade, uma lição de incalculável valor. O que exalta a si mesmo será, com certeza, abatido. Não escapará nem um sequer. Este é o caminho mais rápido e mais antigo para a desgraça. Foi inaugurado há muitos anos pelo próprio Satanás, mas, infelizmente, esta velha e maldita estrada continua muito movimentada. É estrada de mão única, que só desce!

A HISTORIA DE ZE NECO E DO CHICO MOTORISTA

Já se vão mais de 30 anos que um fato triste sucedeu no agreste da Paraíba. Uma senhora com quatro filhos, cujo marido fora tentar a vida em São Paulo, lutava sozinha, com todas as forças, para sustentar suas crianças.

Viúva de marido vivo, semelhante a tantas outras no Nordeste brasileiro, aquela pobre mulher trabalhava para Zé Neco, comerciante "bem de vida", como se costuma dizer de quem desfruta de uma ambicionada prosperidade, e filho do prefeito da cidade.

Embora não fosse lá um bom emprego, era dali que aquela senhora, uma verdadeira lutadora, tirava todo o sustento para si e para os seus filhos. Um certo dia, por problemas de política local, a senhora foi despedida do emprego, sem a menor chance de apelação.

Ficou desesperada. Lembrou dos quatro filhos que dela dependiam; da conta da vendinha; dos uniformes das crianças para a escola; das despesas com os livros e cadernos, e pensava: "Meu Deus, como vai ser a nossa vida sem esse emprego?".

-Zé Neco, pelo amor de Deus! Você sabe das minhas crianças e que eu não tenho outro lugar para trabalhar! Você não pode me despedir! -implorava ela.

Zé Neco foi implacável. Sem pestanejar, disse:

-Aqui a senhora não fica mais e fim de papo!

"Vão-se os anéis e ficam os dedos", é o que dizem os pobres, quando a desventura lhes bate à porta. A pobre senhora chorou durante todo o caminho de volta para a sua casa. Chorou pensando nas crianças, mas a vida continuou,

e Deus é maior.

A duras penas, passando inúmeras necessidades, sem falar na fome que, vez por outra, batia à porta da humilde casa daquela família, os filhos cresceram

e um deles seguiu o sonho do sertanejo: Vencer na cidade grande e tirar a família do sertão.

Francisco, o filho caçula, arrumou seus parcos pertences em um saco, despediu-se da mãe e pôs os pés na estrada, com destino ao Rio de Janeiro. Só Deus sabe o quanto sofreu! Sem profissão, sem amigos ou parentes na cidade grande.

Chico era apenas mais um em meio a tantos solitários em busca do sucesso. Desempregado, sem moradia e sem alimento, durante muito tempo perambulou pelas ruas da Cidade Maravilhosa, empurrado apenas pelo desejo de um dia ajudar a família que deixara para trás.

Deus é Pai e Chico foi para frente. Finalmente conseguiu seu primeiro emprego. A exemplo de tantos nordestinos sem uma especialização, foi trabalhar na construção civil. O primeiro salário foi recebido como um verdadeiro milagre. Com ele, Chico pôde entrar em um botequim, chamado pelos cariocas de "pé sujo", devido às poucas condições de higiene do local, e pagar seu primeiro almoço.

Depois, aprendendo aqui e ali, o rapaz foi tratorista, segurança e, finalmente, motorista de ônibus. Juntou dinheiro, comprou uma casinha e voltou lá para o agreste, para buscar a mãe, que nunca mais teve notícias do marido, desde que este também partira para a cidade grande.

Deus ajudava e Chico ia prosperando. A vida agora na cidade estava muito diferente da sua sofrida chegada. Casado, com filhos e na companhia da mãe, tudo era muito, mas muito melhor que a infância no sertão.

Foi um dia, quando Chico dirigia o ônibus 326, da Viação Ideal, itinerário Castelo-Bancários, na Ilha do Governador, que o trocador, aborrecido, gritou da traseira do veículo:

-Ô Francisco, vê se faz alguma coisa, que este sujeito já está me tirando a paciência!

Chico, pelo retrovisor, viu que se tratava de um homem bêbado, desses bem chatos, querendo por todo jeito arrumar uma briga com o pobre do trocador, e não titubeou: Acelerou o que podia e, em seguida, passou uma "segundona", reduzindo a velocidade e fazendo o brigão vir "despinguelado" da roleta, até cair

estatelado no capô.

Quem era o trapalhão? Para surpresa de Chico, era Zé Neco, o moço "bem de vida" lá do agreste, aquele que despedira a sua pobre mãezinha, completamente fora de si, mais bêbado que um gambá.

No ponto final, Chico recolheu o ônibus à garagem e, na sua Variante, levou Zé Neco, desacordado, para a sua casa. Lá chegando, sua mãe quase não conseguia acreditar. Era ele mesmo, o Zé Neco! Já não o viam havia muito tempo, mas ainda assim não restavam dúvidas.

O pobre infeliz, todo sujo, fez suas necessidades físicas com roupa e tudo, e dormiu como se morto estivesse. Muitas horas mais tarde acordou e, para o seu espanto, estava na casa da família à qual havia causado tantos infortúnios quando despediu a mãe, havia muitos anos, e que agora o tratava com tanto amor.

-Ô Zé Neco, lembra da gente? -perguntou a senhora, já abatida pela idade.

O homem estava muito embaraçado; na verdade envergonhado. Afinal, o rapaz importante, o filho do prefeito, foi encontrado caído, em péssimo estado, e recolhido justamente pela família em que tanto pisara. Foi levantando, ajeitando a roupa e, com poucas palavras, foi "se mandando".

-Zé Neco, toma um café antes de ir! -ofereceu a senhora.

Que nada! O homem já se ia porta afora, para sumir em poucos minutos. Não é isso que sempre lemos na Palavra de Deus? Que Ele abate os altivos e abençoa os humildes?

Francisco conheceu Jesus e hoje é bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, o bispo Francisco de Assis, que já. Passou pela África e tem até CD gravado e livro publicado.

Durante muitos anos, nutriu o desejo de matar o próprio pai, quando o encontrasse, por tudo o que fizera a família Sofrer, abandonado a todos no sertão. Após o seu encontro com o Senhor Jesus, teve realizado o seu desejo de reencontrá-lo, só que para lhe dar um grande abraço, perdoando-o em seu leito de morte.

A dedicada senhora já partiu. Está lá no Céu, com Jesus. Zé Neco? Bem, esperamos que tenha tomado juízo.

O BEIJO E O BANQUETO

Conta-se que há muitos e muitos anos havia um rei bondoso e amado por todos os seus servos. Reinava sobre uma das regiões montanhosas mais belas do mundo, atualmente conhecida como Pirineus, na fronteira da Espanha com a França.

Por ocasião do tempo da plantação, quatro jovens guerreiros se reuniram e decidiram que cada um deles procuraria um valioso presente, o qual pudesse ser oferecido ao rei na grande festa anual da colheita, repetida naquele reino de geração em geração.

O mais velho, que era também o mais bonito, decidiu que partiria para Cashmere, país muito distante, mas famoso por sua seda, a fim de conseguir o mais lindo traje real.

Por seu belo porte, sabia que poderia facilmente ingressar no mundo artístico, o que lhe daria condições para comprar o valioso presente para o rei.

O segundo, que era o mais forte de todos, resolveu ir à Alemanha, país famoso por suas armas, objetivando conseguir a mais extraordinária espada com a qual o rei pudesse se defender.

Por sua força descomunal, sabia que, exibindo sua força em shows ou apostando dinheiro em si mesmo em lutas, poderia pagar sua jornada e comprar o valioso presente real.

O terceiro, um inspirado poeta e exímio músico, decidiu que viajaria para a Áustria, à procura do mais perfeito instrumento de cordas, cujo som encantaria o rei e alegraria a festa da colheita.

Como era um grande artista, confiava que poderia ganhar bastante dinheiro, tocando e cantando para grandes audiências.

O quarto rapaz, que não tinha nenhuma das qualidades dos outros, nem outra qualquer que pudesse fazê-lo notório, sentiu-se desencorajado a partir em busca do tal presente. Mas como amava muito o rei, fez uma oração a Deus, para

que não lhe permitisse se apresentar no dia da festa com as mãos vazias.

Assim, os três talentosos jovens partiram e o quarto permaneceu no reino, a serviço do rei. O tempo para a colheita era normalmente de três meses. Aconteceu, entretanto, que naquele ano as chuvas tão esperadas para abençoar a plantação não vieram, e uma terrível seca começou a ameaçar aquele próspero país.

O rei decidiu que a única maneira de salvar a plantação seria cavar um canal que trouxesse a água de um lago do alto da montanha, para regar toda a extensa área cultivada.

Seria um trabalho exaustivo e que precisaria ser iniciado imediatamente, e com todas as forças, antes que a falta da água destruísse completamente as sementes.

Os homens do reino, juntamente com suas carroças e animais, foram incansáveis naquele trabalho. Destacava-se, porém, dentre eles o quarto rapaz, aquele que não havia viajado, que dia e noite cavava o chão e removia a terra, para a construção do canal.

O próprio rei montou uma barraca junto ao local da obra, onde pessoalmente providenciava que fossem servidas as refeições e repostas as ferramentas.

O tempo era seco e o calor sufocante. Muitos adoeceram, devido ao rigor daquela tarefa. Aquele jovem, contudo, multiplicava-se entre aqueles milhares de operários, prolongando seu serviço até a noite.

Enfim, após exaustivas jornadas, o povo daquele reino comemorou com grande alegria a chegada das águas no campo, trazendo fertilidade e uma abençoada safra.

Na tradicional festa que se seguiu à colheita, o rei, como de costume, reuniu toda a população ao redor do palácio. Era a ocasião na qual recebia muitos presentes.

Aquele que trouxesse o presente que mais agradasse ao rei, recebia a honra de ter seu nome escrito no livro dos ministros do reino, e, assim, passava a fazer parte do conselho real, com direito a morar no palácio.

Muitos se apresentaram, até que chegaram os jovens que tinham viajado para reinos distantes, para escolherem seus presentes.

O primeiro, o mais bonito, chegou vestido com roupas tão lindas que provocou a admiração de todos. Trazia uma linda veste de seda vermelha para "Sua Majestade".

O segundo, o mais forte, trouxe de presente uma linda espada, feita especialmente para o rei. O terceiro rapaz se aproximou do trono entoando uma maravilhosa melodia, executada em um violino perfeito e absolutamente extraordinário, cujo som encantava a todos. Era este o seu presente.

O rei os conhecia e estimava, e se lembrava também que sempre formaram um grupo de quatro, freqüentemente juntos. Perguntou, então, pelo quarto amigo.

O quarto jovem, que calado assistia a tudo, levantou-se e disse ao rei:

- Amado soberano, quando meus amigos partiram em busca de grandes presentes, fiquei triste. Não sendo belo, nem forte, e nem habilidoso músico, senti-me desencorajado a partir. Ainda que tenha feito uma oração a Deus, pedindo que me desse forças para não me apresentar neste momento de mãos vazias diante de ti, ó rei, a quem tanto amo, devo dizer que nada tenho que possa agradar Vossa Majestade.

O nobre rei, que pessoalmente havia observado todo o esforço daquele rapaz na escavação do canal, respondeu:

- Nosso bom Deus jamais deixa de responder a uma oração sincera, de um coração cheio de amor. Aproxime-se do trono e me deixe ver de perto as suas mãos.

Então, segurando as mãos do rapaz, explicou:

- O Senhor ouviu a sua oração. Você tem aqui nas suas mãos, feridas e calejadas, as marcas do serviço anônimo, desinteressado e fiel, motivado por um coração cheio de amor e imbuído do mais puro desejo de servir.

As vestes tão lindas que recebi na verdade me lembram a vaidade fútil dos que as usam, e com elas se exibem. A espada me traz à mente a violência e a

arrogância dos que confiam na sua própria força.

O violino traz a música tão apreciada para os momentos de festa, porém nada mais que isto, e, acabado o seu som, resta apenas o silêncio.

As suas mãos, porém, lembram-me o trabalho, o esforço e o amor ao próximo. Os frutos que disso advêm permanecem para sempre. Vejo nelas o mais lindo de todos os presentes.

Você, portanto, é o meu escolhido! Nomeio-lhe agora meu ministro e conselheiro - disse o monarca, diante de todos. Quem quiser agradar ao Senhor deve considerar atentamente esta história. Não há nada mais grandioso que um coração puro e humilde diante de Deus.

Quando o Senhor Jesus foi à casa de um fariseu, chamado Simão (Lucas 7.36-50), este Lhe preparou um grande jantar.

Quando Ele estava à mesa, uma mulher não parava de Lhe beijar os pés.

O anfitrião censurou aquela mulher, pois era uma pecadora. O Senhor Jesus, porém, conhecendo o seu pensamento, disse-lhe:

"Vês esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; esta, porém, regou os meus pés com lágrimas e os enxugou com os seus cabelos. Não me deste ósculo; ela, entretanto, desde que entrei não cessa de me beijar os Pés.

Não me ungiste a cabeça com óleo, mas esta, com bálsamo, ungiu os meus pés. Por isso, te digo: perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama."

Lucas 7.44-47

Veja, caro leitor, que o banquete nem sempre vale mais que o beijo. A mulher foi abençoada, perdoadada, recebeu a paz e, ainda hoje, no seu gesto de fé tem muito para nos ensinar.

O VELHO, A CRIANÇA E O BURRO

No vasto interior do Estado de Minas Gerais, terra de gente boa e trabalhadora, havia um pequenino sítio. Do que plantava naquela terra vivia uma humilde família, e também da criação de algumas galinhas e porcos, além de três cabeças de gado.

Esquecida do mundo, aquela gente era feliz e vivia em paz, ainda que a vida não lhe fosse fácil. Um fiel burrico fazia parte da pequena lista de propriedades daquela família. Era um animal valente e bem disposto, em cujo lombo havia sido carregada toda a terra removida para a construção do pequeno açude, que mantinha todos vivos na época das longas estiagens.

Com a chamada "febre da cidade grande", quando a população campestre deixa a zona rural em busca de trabalho nos grandes centros urbanos, aquela família ficou reduzida a um menino, sua mãe e o avô. Os tios e as tias já não apareciam havia muito tempo.

O próprio pai da criança só de tempos em tempos mandava lembranças. Dinheiro, que é bom, nada.

Quando o menino cresceu mais um pouquinho, o avô resolveu levá-lo para ser educado na escola da cidade mais próxima, que distava um dia de viagem do sítio. Viagem a pé, diga-se de passagem, e pela estrada de chão, fique bem claro.

O velho aprontou o burrinho e, logo de manhã cedinho, partiram os três estrada afora, o velho, o menino e o burrico. A criança ia montada no animal e o velho ia à frente, conduzindo a montaria.

Por volta das oito horas da manhã, os três pararam em frente a uma linda fazenda, com uma cerca de moirões de jacarandá, muito bem feita, que marcava os limites da propriedade. Não longe da estrada se podia ver a casa da sede, onde a fumacinha que saía da chaminé lembrava um café fresquinho, esquentado em cima do fogão de lenha.

Uma grande turma de trabalhadores, homens e mulheres, espalhava os

grãos de café para secarem no espaçoso terreiro. Quando aquela gente toda viu o velho a pé e o menino em cima do burro, levantou-se um burburinho.

Todos comentavam: "Mas que falta de consideração com o pobre velho! Nessa idade e fazendo tanto esforço! Uma criança nova como essa pode muito bem andar por si só, sem precisar ir montada no lombo de um burro. O velho sim, precisa de montaria!". Um daqueles trabalhadores, então, gritou;

- Ô, menino! Respeite os mais velhos! Desça do burro e dê o lugar ao pobre velho!

Assim, o velho e o menino mudaram de posição: o velho montou no burro e a criança foi à frente, puxando o animal. Por volta das dez horas, atravessaram uma pinguela, ponte estreita, feita com o tronco de uma árvore, e pararam junto a uma porteira, em frente a um grande curral, onde os boiadeiros cuidavam do gado.

Quando aqueles homens viram a criança abrir e fechar a porteira, enquanto o velho passava em cima do burro, comentaram: "Pobre criança! A coitadinha vai pela estrada a puxar o animal e a abrir as porteiras, como se fosse uma escrava daquele velho mau e preguiçoso!". Um deles gritou:

- Ô, velho! Tem vergonha não? Tenha pena dessa pobre criança!

Assim, o velho deu a mão ao menino e ele, ariscamente, pulou para cima do burro. Lá se foram caminho afora, os dois em cima do burro, vagarosamente. Às duas horas da tarde, ao fazerem a curva que contornava um morro todo plantado de milho, avistaram um arraial em festa.

Um grupo de pessoas celebrava em torno de um braseiro, onde um vistoso assado enchia o ar de sabor. Ao verem o velho e o menino montados no burro, comentaram: "Mas que maldade com o bichinho! Dois montados em um pobre burrinho! E gritaram:

-Vocês vão matar esse animal de cansaço!

Assim, o velho e o menino apearam e seguiram a pé pelo caminho, puxando o burrinho. Mais outro tanto de caminhada e os três chegaram, finalmente, muito cansados, à cidade. Passando pela porta de um botequim, alguém maldosamente comentou de lá de dentro: "Olhem só! Três burros: dois

na frente puxando outro pela cordinha!".

Atravessando a cidade, atingindo enfim o portão da escola, mais alguém comentou: "O velho tá pagando promessa, sô? Se Deus lhe deu um burro, por que não monta nele? Será que não tem pena dessa criança?".

Quando se despedia do neto, o velho comentou:

- Meu filho, lembre da lição que Deus nos concedeu hoje. Quando você montava o burro, os que trabalhavam no terreiro, espalhando os grãos, não lembraram de nos oferecer um café, mas souberam criticar você. Os boiadeiros não se ofereceram para cuidar do nosso burrinho no curral, dando-lhe água e um pouco de alimento, mas criticaram a mim. Os festeiros não nos ofereceram um pouco do assado, ainda que fosse a hora do almoço, mas criticaram a nós dois. Por fim, chegando à cidade, até mesmo na porta da escola, antes de nos receberem e nos darem boas-vindas, vindo nós de tão cansativa viagem, criticaram a todos nós, incluindo O nosso pobre burrico. Prepare-se, meu filho, para a vida no mundo.

Conforme nos alertou o Senhor Jesus, há pessoas que sempre criticam, seja lá o que for. Ele também sofreu com isso, pois certa vez também foi vítima desse hábito das pessoas. Ele mesmo nos advertiu quanto a isso:

“Pois veio João, que não comia nem bebia, e dizem: Tem demônio! Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizem: Eis aí um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores! Mas a sabedoria é justificada por suas obras.”

Mateus 11.18,19

O PERFUME DE AROMA ETERNO

Conta-se que há muitos e muitos anos havia no Oriente um exímio perfumista, que dedicara toda a sua vida a pesquisar e produzir perfumes. Sendo um homem sábio e muito justo, tinha na sua profissão uma maneira de adorar a Deus, já que os aromas das flores, que transformava em perfumes, traziam enlevo para a mais triste das criaturas.

Esta antiga arte de fazer perfumes era uma tradição na sua família, sendo os segredos passados de geração em geração, de pai para filho. O sábio homem não chegava nem perto do que vise podia chamar de rico; do que tinha, porém, fazia questão de dividir com os pobres. Sentia-se abençoado por trabalhar com os preciosos aromas da natureza e, assim, parecia produzir seus perfumes como cânticos de louvor ao Criador.

Aquele perfumista se destacava notoriamente de todos os demais por uma habilidade nata: Ele era absolutamente extraordinário no trato e mistura das essências. Seus perfumes se tomaram famosos e agradavam a todos que tinham o privilégio de experimentá-los.

O velho, porém, a si mesmo não se dava por satisfeito. Guardava em seu coração o sonho de produzir um perfume cujo aroma jamais se desvanecesse. Embora tratasse com o máximo de carinho e esmero as pétalas das mais lindas rosas, orquídeas, cravos e outras flores, e por melhor que fosse o preparado, o perfume durava apenas poucas horas naqueles que o usavam, para logo se perder no ar.

Acreditava o perfumista que Deus, perfeito e onipotente, certamente havia criado uma flor especialíssima, a qual pudesse ser trabalhada com as melhores químicas existentes, e que, encontrando-a, poderia ele obter o perfume de aroma eterno.

Seu pai, quando vivo, contara-lhe que em uma gruta de um dos montes que circundavam a Cidade Santa, Jerusalém, uma vez por ano nascia uma planta belíssima, cujas raízes continham uma excepcional substância, da qual se podia obter o mais extraordinário aroma, diferente de todos os que sentira em toda a sua vida. Seu perfume parecia misturar o aroma de todas as outras plantas; era,

portanto, algo especialíssimo.

Na única vez em que tivera as preciosas raízes em suas mãos, fora assaltado por uma caravana de beduínos, os quais lhe tomaram a bolsa e, com ela, o seu tesouro. Nunca mais fora capaz de colher aquela raríssima jóia.

Agora, sendo já velho, decidiu naquele mesmo ano ir procurar a tal planta. Tinha o perfumista no coração o propósito de deixar como um legado à humanidade o perfume de aroma eterno, uma atitude de gratidão a Deus, que lhe dera o talento para o trabalho com as essências.

Movido pelo seu sonho, partiu em busca da tal caverna que, conforme a descrição do seu pai, tinha a forma parecida com uma caveira. Chegou nos primeiros dias da Primavera à Cidade do Grande Rei, Jerusalém, também conhecida na Antigüidade como "Umbigo do Mundo".

Inquirindo árabes e judeus, guardas e mercadores, conseguiu informações sobre cada uma das cavernas existentes nas redondezas e, cuidadosamente, inspecionou todas. Ao sopé de uma elevação vizinha às muralhas de Jerusalém, próximo ao Portão de Damasco, ao Norte do grande Templo do rei Salomão, encontrou de a gruta. Era exatamente como o seu pai descrevera; uma perfeita caveira.

A cada manhã o homem percorria cada polegada daquela caverna, em busca da tal planta. A Primavera tinha forrado o chão do local com inúmeras espécies de flores rasteiras, mas nenhuma delas era a que o perfumista buscava. Até que um dia, quando andava a passos lentos e cuidadosos, atento a cada detalhe, avistou algo diferente entre as mais lindas flores, as quais jamais havia visto.

O sol daquela manhã parecia fazer brilhar mais o intenso vermelho das pétalas e, ao se aproximar o homem, qualquer dúvida que lhe pudesse ocorrer foi desfeita. O aroma que a planta exalava era ainda mais sublime que tudo que havia imaginado.

Ajoelhou-se então o perfumista e fez uma oração, pois sabia ter alcançado uma dádiva dos Céus. Não acolheu naquela hora. Ainda que desejasse começar a trabalhar imediatamente, achou que deveria aguardar até a plantinha crescer um pouco mais, para lhe dar em quantidade suficiente a matéria-prima da qual tanto precisava.

Não por ambição, pensando no dinheiro que o perfume poderia lhe render, mas por desejar fazer algo que despertasse nos homens o louvor e o reconhecimento da grandeza de Deus, como o aroma eterno de um maravilhoso perfume.

O dia esperado, enfim, chegou. Sendo um bom artesão e metuculoso engenheiro das essências, o artista já tinha tudo preparado em sua improvisada oficina na gruta. Levantou-se ainda de madrugada, aguardou o dia clarear e, no frescor dos primeiros raios de sol, recolheu cuidadosamente em sua cesta cada uma das raríssimas jóias que Deus havia criado.

Preparou então o perfume mais extraordinário que jamais havia feito. Para armazená-lo, encomendou o mais perfeito vaso de mármore e o selou de forma que pudesse transportar o valioso tesouro de volta ao seu país. Era tão extraordinário aquele perfume que, mesmo contido no vaso de mármore maciço, exalava distintamente o seu aroma.

Quando voltava ao seu país, próximo à cidade de Betânia, o perfumista passou por uma mulher que imediatamente se sentiu atraída pelo perfume exalado do vaso, que ele levava cuidadosamente atado ao lombo do seu burrinho. Explicou ela que procurava algo especialíssimo, para alguém que amava acima de tudo e de todos.

Tendo procurado por todos os mercados de Jerusalém, e ainda nas caravanas dos mercadores que cruzavam os desertos da Judéia, nada havia encontrado que pudesse ser comparado àquele perfume. Pedia, portanto, veementemente que lhe fizesse o preço que desejasse, para que ela pudesse presentear a quem tanto amava.

O homem explicou tudo quanto sucedera desde que deixara seu país em busca das raízes de aroma eterno, frisando que a raríssima planta nascia uma única vez por ano e, portanto, não teria nenhuma chance de retomar o seu trabalho em curto prazo. Ao ouvir isso, a mulher respondeu:

- Se apenas uma vez por ano podes colher as preciosas raízes, pagarei de bom grado um ano de salário pelo perfume!

Aquela disposição de pagar tão vultoso preço despertou no perfumista sua curiosidade, pois ela nem de longe parecia ser nobre ou rica. Certamente pretendia ela presentear algum juiz, que a livrasse de ser condenada, ou algum

imperador, que lhe pudesse retribuir favores, concluiu o homem.

- Permita-me perguntar: A quem se destinará este presente, pelo qual pareceis disposta a pagar muito mais que tuas posses permitem? Por acaso é um imperador, um juiz ou um general do exército, de quem necessitas de algum favor? - disse-lhe o perfumista.

Humildemente, ela respondeu:

- Não, senhor perfumista. Aquele a quem quero dar este presente não tem nenhum título; jamais viveu em castelos e nunca foi rico. Fazendo o bem e amando aos pobres, tornou-se odiado pelos poderosos. Tem percorrido toda a nossa terra a curar os enfermos e a consolar os que choram. Nunca recebeu sequer um presente, e também nunca exigiu coisa alguma. Se vieres comigo, eu te mostrarei Aquele de quem falo.

Aquele gesto tocou o coração do velho perfumista. Ora, quem mais ele poderia encontrar que tivesse tamanho amor, a ponto de pagar o equivalente a um ano de salário para presentear alguém que não fosse importante para os homens?

Assim se foram pela estrada, caminhando e conversando, o perfumista e a mulher. Ao longo da viagem, o homem se maravilhava ouvindo as mais lindas histórias de amor. A maneira pela qual a mulher falava contagiava seu coração. Ao chegarem ao local onde estava Aquele de quem a mulher falara, o homem se juntou aos que O ouviam e percebeu que aquelas palavras eram de Deus.

Quando a mulher lhe solicitou que permitisse usar o perfume, ele imediatamente atendeu. Ela adentrou a casa decididamente e partiu o vaso de mármore, derramando o perfume sobre a Sua cabeça, espalhando no ar aquele aroma celestial.

O perfumista notou que comentários se seguiram e não entendeu alguns que consideravam o ato um desperdício, alegando que o perfume, se vendido, poderia angariar fundos para os pobres. Ouviu também o Mestre lhes dizer:

“Por que molestais esta mulher? Ela praticou boa ação para comigo. Porque os pobres, sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes; pois, derramando este perfume sobre o meu copo, ela o fez para o meu sepultamento. Em verdade vos digo: Onde for pregado em todo o mundo este evangelho, será

também contado o que ela fez para memória sua.”

Mateus 26.10-13

O velho perfumista estava maravilhado; ele jamais ouvira ensinamentos tão belos. Adiou a sua viagem e ficou hospedado na casa daquela mulher, chamada Maria. Dois dias mais tarde, chorando, viu o Mestre ser crucificado no monte onde havia a gruta com forma de caveira, na qual, algum tempo antes, colhera as preciosas flores.

O corpo d'Ele estava terrivelmente machucado e com muito sangue, mas ainda assim era possível sentir o aroma do perfume, trazido pelo vento daquela tarde fria. Lembrou-se então do que Ele dissera, que o gesto de Lhe ungir com o perfume seria pregado para sempre, e entendeu que o seu sonho de obter o perfume de aroma eterno havia se realizado.

Esta lenda, meu amigo leitor, apenas nos traz outra vez o aroma daquele perfume. O aroma que lembra a incompreensão daqueles que ainda criticam as ofertas que o povo de Deus traz ao Senhor Jesus.

Muito mais ainda lembra o gesto e o amor daqueles que não vêem preço para que as nossas oferta sejam hoje, o perfume que prepara a ressurreição do nosso Senhor na vida daqueles que não O conhecem.

A BALANCA DAS PALAVRAS

Certamente não há nada mais importante para um homem que cuidar das palavras que diz. São elas que, diariamente, escrevem os nossos rastros na estrada da vida.

Conta-se que um homem, ao morrer, encontrou-se em um vasto campo, onde outras almas aguardavam que os anjos do Céu viessem buscá-las. Embora estas almas viessem de todas as partes do mundo, falavam uma só língua.

Bem na frente da fila, ele pôde ver que umas poucas subiam alegres para o Céu, enquanto muitas, aos gritos, eram levadas para um grande abismo. "Meu Deus, para onde irei? Para onde serei levado quando chegar a minha vez?", pensou ele.

Enquanto olhava atentamente o destino das almas, reparou que para cada uma havia uma balança de pratos, que ora pendia para um lado, ora para o outro, decidindo assim o destino daquela pessoa.

Muito aflito, perguntou a quem estava ao seu lado:

- Você saberia me dizer o que significa aquela balança? O que ela pesa?

- Não sei ao certo, mas acredito que seja a balança da caridade. Ela pesa a quantidade de caridade que alguém pratica na vida. Se alcançar um determinado valor, a pessoa é levada para o Céu. Se não alcançar, vai para as trevas - respondeu o outro.

- Não, não pode ser abalança da caridade. Eu morri em um acidente de trem, com muitas outras pessoas. Viajava conosco um homem muito rico. Ele era famoso por toda a caridade que fazia. Construiu igrejas, hospitais, orfanatos e escolas. Mas, para minha surpresa, vi que abalança pendeu contra ele, lançando-o no abismo. No entanto, uma senhora idosa, que se sentava ao meu lado no trem e que era muito pobre, foi levada para o Céu - disse a alma da frente, que tinha ouvido a conversa.

- Talvez, então, seja abalança da pobreza, e só os pobres subam para o

Céu - concluiu o homem.

- Assim sendo, creio que subirei, pois tudo que tive na vida foi um bom emprego, uma boa casa e um bom carro. Não tive a vida de riqueza e luxo que muitos tiveram – disse outra alma.

- Mas veja uma coisa: Em relação a tantas pessoas que viveram pelas ruas, sem emprego, sem casa e sem carro, você foi rico, e eu também, e isto me assusta a cada passo que me aproxima da balança. Quem foi realmente pobre ou realmente rico? -questionou um outro senhor.

- É, você tem razão. Não faz sentido ser a balança da pobreza ou da riqueza. Como também não faz sentido ser a balança da beleza, da sabedoria, dos méritos, da força, da arte ou da Ciência. Vivi tantos anos, conheci tantas coisas, fui um bom cidadão; agora, no entanto, vejo que o mais importante da vida me passou despercebido. Eu precisava me preparar para esta balança, que nem sei o que pesa - disse o homem.

Naquele ambiente de aflição, havia um homem na fila que tinha paz. O seu rosto era tranquilo e os seus olhos tinham um brilho radiante. Aquela alma desesperada se aproximou

dele e implorou:

- Você, entre todos nós aqui, é o único que parece estar confiante de que não será lançado no abismo. Diga-nos: Você sabe o que pesa aquela balança?

- Certamente que sim. Eu sabia que ela estaria na porta de entrada do Céu. Esta é a balança das palavras. Ela pesa tudo que dissemos em nossa vida terrena. As boas palavras e também as palavras frívolas de cada um de nós. Ora, a boca fala do que o coração está cheio. São, portanto, as palavras a expressão do coração de cada um, e são elas que nos condenam ou nos absolvem.

- Mas como você pode ter certeza de que falou, nos tantos anos de vida, mais palavras boas que más? Nos momentos de aflição, de raiva ou de simples conversas corriqueiras, é muito comum se falar palavras frívolas! Quem lhe garante que a balança penderá para o seu lado?

- Certamente a balança penderá para o meu lado, e não há a menor dúvida no meu coração. Entre todas as palavras que existem, há aquelas que

pesam mais que quaisquer outras.

São as mais lindas que eu disse em toda a minha vida, e vieram do mais profundo do meu coração. Elas têm peso maior que qualquer outra palavra frívola que porventura eu tenha pronunciado em um momento de fraqueza.

- Diga-me, então, que palavras são essas. Talvez eu as tenha dito - pediu o homem.

- Amigo, creio que se algum dia você as tivesse pronunciado, jamais teria esquecido. As palavras são: Jesus Cristo, eu Te aceito como meu Salvador pessoal. Entrego- Te a minha vida de todo o meu coração. Salva a minha alma, Senhor, porque sou um pecador".

O Senhor Jesus disse:

“Digo-vos que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no Dia do Juízo, porque, pelas tuas palavras, serás justificado e, pelas tuas palavras, serás condenado.”

Mateus 12.36,37